

O CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Epistemologia e
Contribuições Científicas

Nelia R. Del Bianco e Ruy Sardinha Lopes (orgs)


Socicom
L I V R O S



Nelia R. Del Bianco e Ruy Sardinha Lopes (orgs)

O CAMPO DA COMUNICAÇÃO

**Epistemologia e
Contribuições Científicas**

ARQUEOLOGIA DE 50 ANOS DE PUBLICAÇÕES NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Antonio Hohlfeldt¹

Em 13 de dezembro de 1963, Luiz Beltrão cria o – Instituto das Ciências da Informação (Icinform), no âmbito do curso superior de Jornalismo, na Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco, atividade que ele próprio iniciara, em 1961, tornando-se, assim, duplamente pioneiro: institucionalizara o primeiro curso universitário de jornalismo no Brasil e fundara a primeira entidade acadêmica de pesquisa no campo da comunicação social – na época, chamava-se *meios de comunicação social*, designação definida pela Igreja Católica, sobretudo a partir da encíclica *Inter Mirifica*, de 1963² – mais especificamente no jornalismo. O curso de jornalismo estava integrado à Faculdade de Filosofia e ali se manteria, nos anos posteriores. O Icinform, por seu lado, abriria espaço especialmente para pesquisas de campo na área do jornalismo, inaugurando praticamente a investigação científica da informação coletiva em jornalismo, publicidade e

¹ Jornalista, professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998) com estágio pós-doutorado na Universidade Fernando Pessoa (2008). Foi presidente da Intercom (2008-2014). Atua nos Programas de Pós-Graduação de Escrita Criativa (Faculdade de Letras, PUCRS) e de Comunicação Social (FAMECOS, PUCRS).

² A Igreja Católica adota a expressão *meios de comunicação social* para distanciar-se da expressão, até então mais vigente, criada a partir dos estudos desenvolvidos nos Estados Unidos, a *comunicação de massa*. Com isso, a Igreja sublinhava a *função social* dos meios de comunicação, mais do que a *função capitalista* de promoção de lucro, que marcaria, por exemplo, a publicidade.

relações públicas; preocupava-se, ainda, com o aperfeiçoamento profissional do jornalista; promovia a difusão de estudos no campo das ciências da informação e iniciava estudos voltados para a formulação de uma teoria geral a seu respeito; mais tarde, desenvolveria intercâmbio com instituições congêneres (TARGINO, 2000, p. 168). O Icinform nascera por ocasião da formatura da primeira turma de alunos do curso de Jornalismo. Dois anos depois de o Instituto ter iniciado suas atividades, Beltrão adotou outra estratégia audaciosa e vanguardista, a criação de uma revista acadêmica dedicada à comunicação social. Surgia, assim, em março de 1965, *Comunicações & Problemas*. Em sua primeira edição, a revista trazia, como manchetes de capa, Imprensa e opinião, artigo de Luiz Delgado³; *A liberdade da imprensa e o leitor livre*, de Rod W. Horton⁴, Depoimento sobre o CIESPAL, de Sanelva de Vasconcelos⁵ e Zita de Andrade Lima⁶, além de um encarte especial, sob a denominação geral de *Problemas da região*, com dois textos, *Produção da farinha de trigo* e *A conjuntura açucareira*.

O que chamou a atenção

O artigo que se tornaria referencial contudo, seria o de Luiz Beltrão, intitulado *O ex-voto como veículo jornalístico*. Segundo a edição seguinte da revista, de julho, o decano dos pesquisadores do folclore e da cultura popular brasileira, Luís da Câmara Cascudo, havia lido o artigo de Beltrão e por ele se entusiasmara a tal ponto que escreveu, por seu lado, um outro texto, que a revista imediatamente divulgaria. Estava nascendo, assim, a nova linha de estudos que Luiz Beltrão formalizaria e desenvolveria, nas duas décadas seguintes, em nossos país, a *Folkcomunicação*, dedicada a estudar as formas da comunicação popular ou, para citá-lo textual-

³ Jornalista recifense.

⁴ Autor de obras traduzidas para vários idiomas, como *Backgrounds of American literary thought* e *Backgrounds of European literary thought*, respectivamente.

⁵ Integrante da Associação Pernambucana de Imprensa, também romancista e historiadora.

⁶ Pioneira do rádio-jornalismo no Brasil, disciplina que lecionava no curso, esposa de Luiz Beltrão.

mente, dirigida ao estudo sobre “os agentes e os meios populares de informação de fatos e expressão de idéias”⁷. Sua teoria, na verdade, contextualizava, histórica e sociologicamente, dois dos principais conceitos trazidos de Paul Lazarsfeld e Elihu Katz (1964), o de *duplo fluxo da informação* e o de *líder de opinião*. Beltrão chamava a atenção – aliás, ampliando perspectiva originalmente apresentada por quem seria depois seu principal discípulo, seguidor e divulgador, José Marques de Melo⁸ – para o fato de que, no Brasil, havia dois sistemas relativamente separados, quase ilhados de comunicação: aquele da comunicação formal, integrado pelos alfabetizados, pelos que têm acesso aos chamados meios de comunicação de massa; e aquele dos iletrados, dos que não dispõem de tais acessos e que, por isso mesmo, necessitam de caminhos alternativos para se comunicarem *entre si*. Beltrão mostrou que os dois sistemas, embora parecessem isolados e distantes, haviam alcançado um modo prático e alternativo de se comunicarem entre eles, graças aos chamados *líderes de opinião* que, por sua formação ou qualificação, comungavam de ambos os sistemas e funcionavam como elos de ligação, traduzindo um sistema para o outro e, assim, aproximando o que se chamava, então, *os dois fluxos de informação*.

É interessante observar que aquela primeira edição de *Comunicações e Problemas* estampa um artigo traduzido de autor norte-americano e outro que informa a respeito do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para a América Latina, com sede em Quito, Equador (CIESPAL), indicando duas das referências e pontes que o próprio Beltrão estava ajudando a construir: o diálogo entre os pesquisadores brasileiros e os norte-americanos do campo de comunicação social, de um lado e, de outro, através do CIESPAL, em que ele foi professor, uma abertura do Brasil para com a América Latina, especialmente a América hispânica, do que, muitos anos depois, resultaria a fundação da Asso-

7 Este é o subtítulo do livro que, em 2001, seria, enfim, publicado em sua íntegra, constituído pela tese de Doutorado que o autor apresentara à Universidade de Brasília, em 1967 (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, 2ª ed. em 2014).

8 Trata-se de *História social da imprensa*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003 (reedição revista, inclusive no seu título, de Sociologia da imprensa brasileira, Petrópolis: Vozes, 1973).

ciación Latinoamericana de Investigadores de Comunicación (ALAIIC), fundada em 1978, em Caracas.

Uma proposta de arqueologia

Pode-se dizer, pois, que, em 1965 iniciava-se o longo e produtivo ciclo de produções brasileiras especializadas na comunicação social e todas as suas atividades, do jornalismo à publicidade. Na evolução deste processo, chegar-se-ia à publicação de livros – tanto esparsos quanto, especialmente, organizados em coleções – e, por fim, às publicações acadêmicas, graças à criação dos cursos de pós-graduação.

É a síntese sobre aqueles primeiros anos – e por isso mesmo chamo de arqueologia - que este artigo propõe. Muito do que se editou então, ficou perdido porque, no Brasil, em geral, não se costuma promover reedições de obras. Por outro lado, parte desta bibliografia inicial, traduzida sobretudo de obras norte-americanas, tornou-se ultrapassada, conceitualmente, ou passou a ser contestada ideologicamente. Do mesmo modo os raros textos pioneiros de autores brasileiros. Seja como for, houve um começo, e é sobre este começo que tento, aqui, escrever.

O que veio depois da Comunicações & Problemas

A segunda edição de *Comunicações & Problemas* trazia artigos sobre o jornalismo político (Nilo Pereira⁹) e a história do rádio em Pernambuco (Humberto Sodré Pinto¹⁰), além de um pioneiro relatório sobre a crônica policial, como resultado de pesquisa do icinform, além dos apontamentos sobre o I Curso Nacional

⁹ Jornalista, professor e político.

¹⁰ Um dos fundadores da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT).

de Ciências da Informação, visando popularizar os princípios da nova ciência, além da sessão “Problemas da região”, desta vez dedicada ao serviço telefônico.

A edição 4 da revista, que já ocorreria no seu segundo ano de existência, vinha com novidades. Beltrão transferira-se para Brasília, assumindo a direção do curso de Jornalismo na UnB, depois da cassação ou afastamento de boa parte dos professores daquela instituição, após o golpe de estado de março de 1964¹¹. Mas não se desligara completamente da universidade pernambucana, de sorte que a revista sai com esta dupla chamada “Uma publicação do Instituto de Ciências da Informação – UCP e da Faculdade de Comunicação – UnB”, “Recife-Brasília, março de 1966. Completara-se um ano de sobrevivência da publicação, e sua numeração está a indicar que ela era trimestral. Nesta nova edição, o destaque cabe ao artigo “Aspectos básicos da problemática do jornal interiorano”, tema que evidencia a amplitude dos horizontes de estudo de Luiz Beltrão, dirigindo sua atenção para um tema que praticamente só duas décadas depois ganharia alguma consolidação, graças às pesquisas, dentre outros, da Profa. Dra. Beatriz Dornelles, da FAMECOS/PUCRS.

Não vou me alongar na história detalhada da revista pioneira, até porque a íntegra de suas edições se encontra reeditada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM)¹². Mas quero tomá-la como ponto de partida para buscar levantar, identificando e caracterizando as editoras de livros, revistas e coleções que, nos 50 anos seguintes, até 2015, marcariam o mercado de livros e revistas sobre comunicação social no país, começando pelas ainda titubeantes obras traduzidas, sobretudo a partir de autores norte-americanos, em trabalhos certamente financiados, em sua tradução e editoração, pelo Departamento de Estado norte-americano, para chegarmos à fase de quebra deste paradigma, quando José Marques de Melo idealiza, organiza e dirige diferentes coleções junto à Editora Vozes, de Petrópolis que, também na vanguarda das

¹¹ Ele permaneceu na UnB até 1969, quando foi demitido e passou a atuar na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), de onde resultaria, mais tarde, o livro *O índio, um mito brasileiro* (Petrópolis:Vozes, 1977).

¹² Trata-se dos volumes 4, 5 e 6 da Coleção Beltranianas, editada pela INTERCOM, tanto em versão digital quanto em versão livro, e que apresenta a versão fac-similada da revista.

publicações acadêmicas nacionais, dedicaria crescentes espaços aos temas da Linguística e da Comunicação de massa em suas diferentes edições da *Revista de Cultura Vozes*¹³.

Cadernos de Jornalismo

No processo de modernização dos jornais do centro do país, iniciado na década de 1950-1960¹⁴, o *Jornal do Brasil*, a partir de uma iniciativa de Alberto Dines, começaria a editar os *Cadernos de Jornalismo e Comunicação do Jornal do Brasil*: sinteticamente, e a partir de uma entrevista do próprio jornalista¹⁵ em 1963, Dines foi fazer um curso rápido de três meses na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, especificamente no Word Press Institute, que hoje não mais existe. Voltou de lá com muitas ideias, dentre as quais um jornal mural como os que vira nos grandes jornais americanos, em que os colegas de redação comentavam as produções uns dos outros. Não saiu o mural, mas Dines buscou a parceria de Fernando Gabeira, então dirigindo o Departamento de Pesquisa do jornal, e do jornalista Murilo Felisberto, e com eles começou a idear os Cadernos, que deveriam ter uma centena de cópias, impressos numa gráfica própria do Jornal do Brasil, com um papel melhor que o do jornal, e uma capa cartonada. Não era a gráfica em que rodava o jornal, mas uma menor, em que a empresa realizava os impressos para seu uso interno. Deveriam ser cerca de 4 a 5 edições anuais, que

¹³ Vou retomar, aqui, uma palestra desenvolvida em 2015, no âmbito do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, mas que nunca fixara em versão escrita.

¹⁴ BARBOSA, Marialva – História cultural da imprensa – 1900-2000, Rio de Janeiro: Mauad. 2007. RIBEIRO, Ana Paula Goulart . *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Rio de Janeiro: E-papers. 2007.

¹⁵ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/alberto-dines-liceos-de-jornalismo/>. Acesso em: 15 mai 2020.

seriam distribuídas entre os jornalistas, agências de publicidade e amigos¹⁶. A inspiração de Dines para a produção dos Cadernos vinha de uma experiência que observara então, a revista *Winners and Sinners*, do jornal *New York Times*, criada como estratégia de circulação interna, na qual os jornalistas discutiam de forma crítica os erros e gafes que tinham saído no jornal: “o *Winners and Sinners* era um jornalzinho interno, não me lembro a periodicidade, em que eles elogiavam e criticavam os erros do jornal. Não chegava a ser um ombudsman, era mais a coisa técnica, mas havia um espírito crítico. Achei aquilo muito bom”.¹⁷

No primeiro trimestre de 1968, a publicação passou a ser vendida nas livrarias e distribuída em escolas, através da Entrelivros, com a pretensão de abarcar um público maior: jornalistas, educadores, publicitários e sociólogos, publicando artigos sobre comunicação e também economia, arte, política, além de pesquisas, reportagens e artigos do corpo editorial do jornal ou traduzidos da imprensa norte-americana.

Os *Cadernos de Jornalismo e Comunicação* podem ser considerados uma iniciativa precursora de criação de um espaço para a análise e discussão do desempenho da mídia. Para Marques de Melo, por meio da experiência dos Cadernos, Dines e seus colegas demonstravam uma inquietação intelectual que ultrapassava o interesse pela prática em si. Dines, mais tarde, avaliaria aquela como uma tentativa de “somar experiências com reflexão, resistindo à tentação de fazer ciência”.

Lembro, aliás, que encontrei alguns exemplares na sede da Associação Rio-grandense de Imprensa, que frequentava desde que era estudante do II grau, no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Tenho estes exemplares ainda hoje. Naquele

¹⁶ Os *Cadernos de Jornalismo* começaram a circular em maio de 1965, com periodicidade irregular e alcançaram 49 edições. A publicação teve três nomes: nas seis primeiras edições, saiu como *Cadernos de Jornalismo*. Em seguida, como *Cadernos de Jornalismo e Editoração* e, finalmente, como *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*. Nas palavras de Dines, no texto de apresentação da primeira edição do veículo: “Como cumprir com a função educativa e de difusão cultural se ao próprio jornalista não forem fornecidas oportunidades para o seu aprimoramento. Esta é a motivação número 1 desta publicação ainda que a meta seja grande demais para um grupo de jornalistas isolados alcançar”. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/homenagem-a-alberto-dines/cadernos-de-jornalismo-e-comunicacao-do-jornal-do-brasil/>. Acesso em 10 mai. 2020.

¹⁷ Depoimento de Alberto Dines a Carlos Eduardo Lins da Silva publicado no Observatório da Imprensa em 22 de maio de 2018. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/homenagem-a-alberto-dines/cadernos-de-jornalismo-e-comunicacao-do-jornal-do-brasil/>

momento, eu me iniciava na profissão, ainda não tinha ideia de que viria a ser também professor num curso de Comunicação Social... mas minha curiosidade e interesse pelas questões teóricas e práticas do jornalismo, a excelente apresentação gráfica dos Cadernos e os temas propostos, misturando teoria, prática e história do jornalismo mundial e brasileiro, me fascinaram.

A Revista de Comunicação

Quando voltei, por meu lado, de um período de cerca de um ano de trabalho na Rádio Canadá Internacional, na seção latino-americana, que incluía a subseção brasileira, chefiada por Otávio Butcher, a convite do jornalista Antonio Gonzalez, meu colega da *Folha da Tarde* e dirigente da Associação Rio-grandense de Imprensa (ARI), fui lecionar no curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), na cidade de São Leopoldo, a 30 quilômetros da capital gaúcha. Ali descobri a segunda publicação referencial de então, a *Revista de Comunicação*, da Editora Bloch¹⁸.

O ano de 1985 marca o lançamento oficial desta revista de caráter empresarial, mas voltada para o público universitário: a *Revista de Comunicação*. Seu projeto surgira em 1982, mas só conseguiu ser executado a partir da parceria com a Associação dos Fabricantes Brasileiros de Coca-Cola e de Coca-Cola Indústrias Ltda, firmada ao final de 1984. Esse patrocínio estabeleceu, a princípio, um contrato de cinco anos, mas permaneceu ao longo de 14 anos de publicação, fator que influenciou diretamente na sua existência e tiragem, com a média de 33 mil cópias/edição. Desde a primeira até a última edição, a *Revista de Comunicação* se manteve com circulação em caráter nacional, periodicidade trimestral e distribuição gratuita

¹⁸ Esta publicação, de que tenho praticamente a coleção completa, mereceu, posteriormente, especial atenção de minha parte, resultando em obra a seu respeito, organizada em conjunto com um então aluno de iniciação científica, hoje professor de cinema com Pós-doutorado, e que trabalhou na UFPEL, até março de 2020, como professor substituto. HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. **Conceito e história do jornalismo brasileiro na Revista de Comunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

em universidades, destinando uma pequena quantidade de exemplares aos editores dos principais jornais, agências de publicidade e a um grupo de interessados, chamados de *assinantes gratuitos*. Com sede no Rio de Janeiro e publicada pela Ágora Editora, a revista teve como mentores os jornalistas Alfredo de Belmont Pessôa e Mário de Moraes. Colegas na revista *O Cruzeiro*, durante a década de 1950, ambos assumiram a direção editorial do projeto, sendo que o primeiro se manteve como diretor de redação e, posteriormente, diretor geral, até a última edição da publicação, em novembro de 1998. O segundo era simultaneamente articulista e diretor responsável, até o ano de 1991, quando se retirou do projeto. A *Revista de Comunicação* se tornou pioneira na área, sobretudo sob o aspecto que Alfredo de Belmont Pessôa veio a chamar de *uma revista de prestação de serviços*, centrada na formação universitária do profissional de Comunicação¹⁹. Pessôa explica, no editorial da primeira edição, não pretender substituir o livro ou a apostila, menos ainda o professor, “o que desejávamos era levar aos estudantes da área um somatório de conhecimentos técnicos e práticos úteis no desempenho da profissão que, por falta de tempo ou de meios a Universidade, embora insubstituível, não tem como ministrar”²⁰. O editorial explicita o caráter essencial sobre o objetivo da revista: buscava como público-alvo os alunos de comunicação e o jovem comunicador, embora concentrasse sua cobertura no campo profissional de comunicação, sem assumir uma postura acadêmico-científica. Como critério principal para a publicação de textos na revista, o autor devia, segundo Pessôa, atender a dois requisitos: excelência profissional e pleno conhecimento do assunto sobre o qual iria escrever.

Existiam dois tipos de participantes quanto à produção editorial da revista: a Equipe RC (composta, entre outros, por Rafael Casé, Christian Escot Moraes, Alexandre Raposo) que, na maioria das vezes, era responsável pela produção de reportagens sobre comunicação; e os colaboradores, encarregados de publicar

¹⁹ *Revista de Comunicação*, Rio de Janeiro, ano I, n.º. 1, p.3, mar. de 1985.

²⁰ Trechos do editorial analisado por Antonio Hohlfeldt e Rafael Rosinato Valles em *O conceito e história do jornalismo brasileiro na Revista de Comunicação*. Porto Alegre: Editora PUCRS, 2008, p. 53.

artigos, depoimentos ou, em alguns casos específicos, reportagens. Ao longo de suas 54 edições, a *Revista de Comunicação* dirigiu sua atenção as quatro principais áreas da comunicação social: jornalismo, propaganda e publicidade, relações públicas, cinema. Na questão relativa ao jornalismo, a produção editorial se centrou inicialmente nas três plataformas que a compunham, até os anos 1980: jornal/revista, rádio e televisão. No decorrer da década de 1990, passou a acompanhar os avanços de uma nova mídia: a internet. Os temas abordados são diversos, desde questões polêmicas, como a ética no jornalismo, a censura e o diploma para o profissional da área, até questões que caracterizam o desenvolvimento do jornalismo, como a ascensão da mulher no mercado de trabalho e o papel da tecnologia no desenvolvimento das mídias. A revista ainda atuou diretamente na preservação da história do jornalismo, com artigos e/ou reportagens sobre os órgãos de imprensa e os profissionais e fatos que marcaram a atividade durante o século XX. A educação recebeu especial atenção, ao abordar as universidades, a forma de ensino e a relação que ele assume com o mercado, através dos estágios. Dentre os seus colaboradores de então, encontram-se William Waack, Carlos Heitor Cony, Ruy Castro e Luís Fernando Verissimo, por exemplo.

Durante seus 14 anos de existência, a *Revista de Comunicação* também produziu seções especiais que buscaram analisar determinados temas de forma mais aprofundada. É o caso de “A imprensa no mundo”, que abordou a atuação de diversos veículos de comunicação da Europa e dos Estados Unidos, e “Tema para debate”, no qual se expunham questões polêmicas sobre a imprensa. A história da comunicação teve presença constante na revista, com as seções “História da Comunicação no Brasil”, ao retratar os principais veículos da imprensa nacional, existentes ao longo dos séculos XIX e XX; “Depoimento”; “Histórias de redação e Adjacências” e “Memória de Repórter”, nas quais jornalistas relatavam suas experiências no ofício, além de “Leia de novo”, com reportagens e artigos que marcaram a imprensa. Charges e ilustrações tiveram grande importância ao longo das 25 primeiras edições da revista, destacando os principais chargistas nacionais, como Ziraldo, Henfil, Millôr e outros. Com reportagens do jornalista da Equipe RC,

Christian Escot Morais, também publicou, em cinco edições, uma seção chamada “Profissões”, na qual se expunham as principais características das quatro áreas da comunicação (jornalismo; publicidade; relações públicas; cinema). Por falta de patrocínio, a *Revista de Comunicação* encerrou suas atividades em novembro de 1998. Na verdade, ela já estava, de certo modo, ultrapassada por publicações mais especializadas, como as das universidades e, em especial, pelos programas de pós-graduação que começavam a editar; além das publicações de entidades de pesquisadores, sobretudo a INTERCOM.

Outras publicações alargam o campo

Richard Romancini, que estudou a história das revistas sobre comunicação no país, cataloga as publicações conforme editadas por universidade/faculdade (ou departamento) de Comunicação, por grupo/entidade profissional ou empresarial/órgão público, grupo (núcleo, centro) de pesquisa, programa de pós-graduação (ou vínculo com a pós-graduação), associação científica (INTERCOM, COMPÓS, etc.)²¹. Ele divide a história desses periódicos em três etapas: primeira fase (1965-1980), segunda fase (1981-1995) e a terceira fase (1996-2003), em desenvolvimento²². Na primeira fase, são os grupos empresariais os responsáveis pelos projetos editoriais; na segunda, são as universidades que começam a se ocupar – e assim permanecerão – com tais publicações; por fim, na terceira, com o advento das tecnologias digitais, surge uma imensa variedade de publicações, vinculadas a entidades as mais variadas e marcadas pela fragmentação, o que responde às segmentações de seus respectivos campos de ação. Pode-se estender esta perspectiva à editoração de livros: num primeiro momento, empresas editoriais respondiam, sobretudo a demandas externas às próprias editoras como, por exemplo, os clás-

²¹ ROMANCINI, Richard. Periódicos brasileiros em comunicação: Histórico e análise preliminar. **Verso e Reverso**. Revista da comunicação, v.18, n.39, p.1-18, 2004.

²² ROMANCINI, Richard. Periódicos brasileiros em comunicação: Histórico e análise preliminar. **Verso e Reverso**. Revista da comunicação, v.18, n.39, p.1-18, 2004.

sicos exemplos dos livros de pesquisadores norte-americanos, cuja tradução e divulgação no Brasil se deve em boa parte a financiamentos do Departamento de Estado norte-americano.

Este artigo, até porque não se restringe às revistas, vai registrar, assim, algumas delas, eis que o leitor interessado poderá acessar as fontes que aqui estão sendo referidas, para maior aprofundamento, se nisso tiver interesse.

Revista de Cultura Vozes

Mas há, ainda, pelo menos um periódico que precisa necessariamente ser referido, pelo papel estratégico que então representou, de abertura de espaços e de complementariedade a um projeto editorial que começava a ser desenvolvido e que se tornaria demarcatório entre a dependência brasileira de uma bibliografia essencialmente estrangeira, em especial a norte-americana, e uma bibliografia que começava a ser produzida por autores e pesquisadores brasileiros, traduzindo com maior fidelidade os pontos-de-vista de tais estudos. Refiro-me à Editora Vozes, de Petrópolis, vinculada aos padres franciscanos, e a sua pioneira *Revista de Cultura Vozes*²³.

A *Revista Vozes* está na própria gênese da editora, o que já é um fato inusitado. Em geral, é uma editora que gera uma revista. No caso da Vozes, uma gráfica permitiu o surgimento de uma revista que, por seu lado, fez nascer uma editora.

Conforme Luiz Roberto Benedetti²⁴, a revista *Vozes de Petrópolis* foi lançada a 1º. de julho de 1907. A ideia partiu de frei Inácio, que respondia pela tipografia, iniciada alguns anos antes, com uma velha impressora Alauzet, que recebera em precaríssimas condições, dos padres lazaristas. Frei Ambrósio, um dos frades da congregação franciscana, lembrou-se da revista alemã *Stimmenn den Zeit* (Vozes

²³ O texto que se segue retoma artigo escrito para homenagear a editora, quando da recepção do Prêmio Luiz Beltrão, da INTERCOM, enquanto “instituição paradigmática”, em 2001. O artigo jamais foi publicado.

²⁴ BENEDETTI, Luiz Roberto – Vozes: uma revista afinada com o seu tempo In :ANDRADES, Marcelo Ferreira de (org.). **Editora Vozes: 100 anos de história**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 296 e ss.

do tempo) e sugeriu *Vozes de Petrópolis*, nome logo aceito, sendo lançada com a tutela redatorial de frei Hugo Mense. Logo no ano seguinte, foi frei Pedro Sinzig quem assumiu a publicação²⁵.

O contexto eclesial da época estava marcado pelo pontificado de Leão XIII, que defendia uma boa imprensa, naturalmente a da Igreja Católica. O título do editorial de estreia da revista, *Quo vadis?*, antecipava as dúvidas que muitos poderiam ter: como a Igreja pensava uma revista publicada por uma ordem religiosa?

O editorial esclarecia: “Trará a nossa revista artigos variados que terão o cunho da atualidade. Nenhuma região da ciência e da técnica, da teoria e da prática será excluída do programa”²⁶.

A repercussão da revista foi enorme, em todo o país. Em dois anos, alcançava mais de 1700 assinaturas. Tornou-se rotina a transcrição de seus artigos por jornais brasileiros, o que era comunicado à redação e fez com que, numa espécie de autopromoção, a revista inaugurasse uma sessão chamada “Transcrições das Vozes de Petrópolis”²⁷. Sucessivamente, frei Fernando Fiene, frei Henrique Golland Trindade, frei Saturnino Schneider, frei João de Capistrano Binder, frei Clarêncio Neotti, frei Leonardo Boff e frei Neylor Tonin foram editores da revista, sem, contudo, jamais mudarem significativamente sua linha editorial.

Uma passada de olhos pelos índices das primeiras edições mostra com clareza a orientação geral da revista. Existem os “Artigos”, seguidos de “Contos”, “Poesias”, “Sodalícios religiosos”, “Várias”, “Seção teatral”, “Noticiário” – que se distribuía ao longo de cada edição, fechando pequenos espaços vazios – além de “Bibliografia” e “Suplemento musical”. A ordem das sessões podia variar de edição para edição. A partir do segundo ano, inaugurou-se a sessão “O que dizem os nossos leitores”, que também servia para fortalecer a autoimagem da publicação, com transcrições como essas: “Não conhecemos, dizemos sem medo de contestação, nada que se lhe iguale, nem leitura mais amena, mais agradável, mais variada” ou “Ainda haverá

25 ORTH, Edgar – Histórico da Editora Vozes. In: ANDRADES, Marcelo Ferreira de (org.). *Editora Vozes: 100 anos de história*. Petrópolis: Vozes, 2001. p.28-29.

26 Quo vadis? in: *Vozes de Petrópolis*. Petrópolis, ano 1, n. 1, p. 2, 1907.

27 Ibid., p.37-38.

quem gostando de ler não seja assinante dessas deliciosas *Vozes de Petrópolis*?²⁸

Ao longo de 96 anos de existência – a revista encerrou sua circulação em 20 de novembro de 2003, por decisão do Conselho Diretor da Editora Vozes²⁹ – a *Revista Vozes* cumpriu religiosamente este programa, o que muitas vezes lhe trouxe dissabores, tanto fora, quanto mesmo dentro da Igreja. Por exemplo, ao longo da I Grande Guerra, um de seus diretores e idealizadores, Pedro Sinzig, frade que chegou a experimentar as lutas do Contestado, em Santa Catarina e Paraná, ao defender a contribuição do colono alemão ao Brasil, foi mal interpretado, gerando protestos de segmentos de seus leitores, que chegaram a cancelar suas assinaturas.

Por outro lado, a posição claramente favorável à Teologia da Libertação, adotada pela editora, que publicava as obras de Leonardo Boff – e pela revista, de que ele chegou a ser um dos diretores – levou a uma intervenção de Roma sobre a publicação, mais tarde levantada, mas que redundou, dentre outras coisas, no afastamento de Clarêncio Neotti e do próprio Leonardo Boff.

A revista, contudo, não era subversiva. Ela viveu os contextos de seu surgimento e evolução: por exemplo, em quase toda a sua existência, foi claramente *anticomunista* (o que não impediu que, já no final do século XX, discutisse a teoria gramsciana ou editasse artigos de pensadores marxistas); apoiou o golpe militar de março/abril de 1964 (mas não deixou de publicar artigos fortemente críticos à situação posterior, diante da miséria dos trabalhadores; das perseguições políticas desencadeadas pela ditadura ou contra a censura opressiva sobre as manifestações culturais no país). E estava sempre aberta a novas ideias.

Se posso resumir em poucas palavras a linha editorial que sempre serviu de horizonte à revista, eis esta síntese: para o bem ou para o mal, ela esteve sempre

²⁸ Edições variadas de *Vozes de Petrópolis*, ao longo do ano de 1909.

²⁹ Depoimento de frei Clarêncio Neotti. Disponível em: http://www.intercom.org.br/boletim/a03n68/memoria_vozes.shtml. 15 fev 2020.

Naquele momento, a revista, de certo modo, perdera seu espaço: não era uma revista de variedades, não era uma revista acadêmica. Não era uma publicação especializada, não era um periódico de maledicência ou curiosidades, faits divers ou discutindo personagens olímpicos, na expressão de Edgar Morin – **Cultura de Massa no século XX**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1967. Por outro lado, o nascimento da internet e a nascente transformação de periódicos em edições digitais, fez com que a Revista de Cultura Vozes de fato se tornasse anacrônica: necessitava de uma re-conceituação, o que não foi possível diante da crescente crise financeira da editora.

atualizada, manteve-se sem preconceitos e abriu-se totalmente à comunidade.

A revista viveu fases variadas. Começou como *Vozes de Petrópolis*, marcadamente religiosa; depois se tornou *Revista de Cultura Vozes*, com ênfase nos aspectos culturais e, enfim, apenas *Revista Vozes*, mantendo aquela mesma tendência. Mudou também de formato, e experimentou diferentes projetos gráficos, na medida em que a própria Editora Vozes adquiria novas máquinas e tecnologia para suas publicações. De modo geral, a revista circulou com cerca de 70 (setenta páginas), trazendo artigos de fundo – muitas vezes formando dossiês temáticos – artigos variados (colaborações), noticiário múltiplo – político e cultural – informações e resenhas de livros que discutissem cultura, política, antropologia, sociologia, literatura e artes em geral. A *Revista Vozes* foi, em muitos momentos, verdadeiramente vanguardista, por exemplo, quando começou a discutir poesia concreta no país; quando introduziu o debate sobre a comunicação social, quando propôs questões em torno do cinema, dos quadrinhos e das novas tecnologias da comunicação que, por exemplo, nos anos 1970, chegavam ao Brasil, ainda que timidamente. Sobretudo, quando começou a discutir o presente e o futuro da própria Igreja Católica e da religião em geral.

Vale lembrar a frase atribuída a Clarêncio Neotti, que assumiu a direção da publicação em torno de 1966: “cultura é tudo o que eleva o homem, portanto, toda a cultura é católica”. E a revista começou a discutir divórcio, reforma agrária, Relatório McBride, as relações entre a América Latina e os grandes centros industrializados, o cinema novo, etc.

Foi nos anos 1970 que os temas ligados à comunicação social chegaram ao país. A grande influência que o Brasil recebia dos pensadores franceses, leitores da revista *Tel quel*, marcou sua linha de pensamento. Mas não exclusivamente. Se a semiologia encontrou nela enorme espaço, os quadrinhos – como disse – a ficção científica, a teoria da comunicação, a linguística, o cinema, o teatro, as relações interlinguísticas do cinema com a literatura, das artes plásticas com o cinema, etc., tiveram sempre espaço nas páginas do periódico, ao longo de boa parte de sua existência. Quem folhear uma coleção da *Revista Vozes* vai encontrar

verdadeiras preciosidades, como vários volumes dedicados à cultura e à literatura das emergentes (naquele momento) nações africanas, como Cabo Verde, Angola ou Moçambique. Ou algumas joias inesperadas, como um volume todo dedicado ao cartunista e ilustrador J. Carlos, material bibliográfico raro e de imenso valor, que poderia ter sido reeditado, autonomamente, pela Vozes, em volume próprio, o que, infelizmente, jamais aconteceu. Mas, se nos anos 1970, a Comunicação foi o grande destaque, nos anos 1980, com o início do processo de abertura política no país, a política – no seu sentido mais amplo – ganhou espaço, com artigos múltiplos e cobertura verdadeiramente jornalística do que acontecia no país e no mundo, abrangendo os debates em torno da Nova Ordem Mundial da Comunicação (NOMIC), a criação da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC) e o surgimento de movimentos os mais variados, como o das feministas, além de toda a luta pela anistia política, o retorno dos exilados, os princípios dos direitos humanos, e assim por diante.

Graças a Lídio Peretti, então gerente da filial da Vozes em Porto Alegre, depois Diretor Cultural da editora, com sede em Petrópolis, tive acesso a catálogos da editora e à coleção completa, encadernada, da revista.

Escolhi, do seu conjunto, o período entre 1969 e 1984 – num total de 15 anos em que claramente se encontra a hegemonia dos temas sobre comunicação social, para uma breve observação. Não se trata de análise exaustiva, mas apenas uma pesquisa exploratória, suficiente para ratificar o significado da publicação, a variedade dos temas e perspectivas abordados e, sobretudo, a importância de que a coleção seja urgentemente digitalizada e colocada à disposição dos pesquisadores, tal a sua riqueza.

A partir da leitura daquele material, organizei-o em cinco categorias: a) artigos de capa; b) artigos de colaboradores; c) notas variadas e comentários; d) entrevista; e) noticiário.

Seguindo essa categorização, eis um levantamento centrado no período mencionado:

Quadro 1 - Coleção da Revista Vozes e a comunicação

Edição	Data	Artigo	Categoria	Páginas
Ano 63	Janeiro 69	<i>Comunicação Social</i>	Todo volume	
Ano 63	Fevereiro 1969	<i>Cinema danado</i>	Comentário	157-160
Ano 63	Março 69	<i>Cinema na universidade brasileira</i>	Comentário	240-244
Ano 63	Abril 69	<i>Socorro, Tarzã está em perigo!</i>	Comentário	342-346
Ano 63	Maio 69	<i>Marilyn Monroe, simplesmente</i>	Comentário	438-341
Ano 63	Junho 69	<i>Fando y Lis, o happening da libertação</i>	Comentário	543-545
Ano 63	Julho 69	<i>Quadrinhos: Literatura do século</i>	Todo volume	
Ano 63	Agosto 69	<i>Os Meios de comunicação social</i>	Noticiário	754-754
Ano 63	Agosto 69	<i>I Seminário de Radiotelevisão Educativa</i>	Noticiário	755-756
Ano 63	Setembro 69	<i>Entre Deus, os poetas e os loucos, Pier Paolo Pasolini</i>	Comentário	827-832
Ano 63	Setembro 69	<i>Televisão ou circo do interior?</i>	Nota	833-835
Ano 63	Setembro 69	<i>Conclusões do IV Congresso Latino-americano de Imprensa</i>	Noticiário	837-839
Ano 63	Setembro 69	<i>Jornais, rádio e tevê holandesa definem sua missão diante da Igreja</i>	Noticiário	839-840
Ano 63	Outubro 69	<i>Comunicação – Cultura de massas – Cultura popular</i>	Artigo	868-877
Ano 63	Outubro 69	<i>Macunaíma, filme, afinal</i>	Artigo	934-936

Ano 63	Novembro 69	<i>Sr. Fellini, obrigado</i>	Artigo	1013-1017
Ano 63	Novembro 69	<i>Com um pouco mais de liberdade</i>	Nota	1028-1030
Ano 63	Novembro 69	<i>Filme na escola</i>	Noticiário	1055-1056
Ano 64	Janeiro 70	<i>Vanguarda brasileira: caminhos & situações (comunicação de massa)</i>	Entrevista	16-17
Ano 64	Março 70	<i>O Pasquim ou da maioria, um reflexo válido, lúcido e inserido no contexto</i>	Entrevista	89-104
Ano 64	Março 70	<i>Novas perspectivas da televisão brasileira</i>	Artigo	123-126
Ano 64	Março 70	<i>O cinema no início dos anos 70</i>	Artigo	145-153
Ano 64	Abril 70	<i>Humor a sério</i>	Todo volume	
Ano 64	Mai 70	<i>Elite e massa</i>	Todo volume	
Ano 64	Junho-julho 70	<i>Cinema hoje</i>	Todo volume	
Ano 64	Agosto 70	<i>Civilização & cultura</i>	Todo volume	
Ano 64	Dezembro 70	<i>A hora e a vez de Maurício de Souza</i>	Nota	823-824
Ano 65	Abril 71	<i>Editoração</i>	Todo volume	
Ano 65	Mai 71	<i>O mundo dos super-heróis</i>	Todo volume	
Ano 65	Novembro 71	<i>Teoria da comunicação</i>	Todo volume	
Ano 66	Março 72	<i>Conceitos básicos de semântica</i>	Todo volume	
Ano 66	Junho-julho 72	<i>Ficção científica: discurso da era tecnológica</i>	Todo volume	
Ano 66	Setembro 72	<i>Cibernética e ideologia</i>	Todo volume	

Ano 66	Outubro 72	<i>Escolas de comunicação e profissionalização</i>	Todo volume	
Ano 67	Setembro 73	<i>Quadrinhos & ideologia</i>	Todo volume	
Ano 67	Outubro 73	<i>Níveis sócio-lingüísticos e revistas em quadrinhos</i>	Artigo	633-641
Ano 67	Dezembro 73	<i>Vanguarda & comunicação</i>	Todo volume	
Ano 68	Janeiro- fevereiro 74	<i>O riso, o cômico e o lúdico</i>	Todo volume	
Ano 68	Maio 74	<i>A crítica e os críticos de quadrinhos</i>	Artigo	311-315
Ano 68	Outubro 74	<i>Semiótica & semiologia</i>	Todo volume	
Ano 68	Outubro 74	<i>13 jovens cartunistas brasileiros</i>	Artigo	639-653
Ano 68	Dezembro 74	<i>Semiologia e especificidade dos quadrinhos</i>	Artigo	787-704
Ano 69	Janeiro- fevereiro 75	<i>Arte & indústria cultural na sociedade de consumo</i>	Artigo	58-63
Ano 69	Março 75	<i>TV: Improvisação e falta de organização</i>	Artigo	121-130
Ano 69	Maio 75	<i>O curta-metragem no Brasil</i>	Noticiário	313-315
Ano 69	Setembro 75	<i>Texto e contexto: o estereótipo na telenovela</i>	Artigo	501-516
Ano 69	Dezembro 75	<i>Um veículo sem memória e ainda sem grandeza</i>	Nota	799-802
Ano 70	Janeiro- fevereiro 76	<i>Os impasses da imprensa brasileira</i>	Artigo	5-14
Ano 70	Janeiro- fevereiro 76	<i>Super-heróis: O poder elevado ao quadrado</i>	Artigo	33-40
Ano 70	Janeiro- fevereiro 76	<i>1975: Balanço crítico do ano</i>	Noticiário	61-62
Ano 70	Maio 76	<i>Imprensa: além da censura</i>	Artigo	245-256

Ano 70	Junho-julho 76	<i>Os melhores filmes: uma pesquisa</i>	Comentário	357-362
Ano 70	Agosto 76	<i>Literatura & quadrinhos</i>	Artigo	429-448
Ano 70	Setembro 76	<i>Os debates do Teatro Casa Grande</i>	Nota	529-532
Ano 70	Outubro 76	<i>Um estudo das formas de pensamento da cultura brasileira: o teatro nos anos 58 a 69</i>	Nota	627-629
Ano 71	Março 77	<i>Velhas histórias em quadrinhos</i>	Artigo	161-170
Ano 71	Março 77	<i>Ficção científica francesa no Brasil</i>	Artigo	171-178
Ano 71	Abril 77	<i>O bem (mal) amado Mazaroppi</i>	Artigo	251-254
Ano 71	Junho-julho 77	<i>A relação cartum/ quadrinhos em Nani, Coentro e Guidacci</i>	Nota	414-417
Ano 71	Agosto 77	<i>Raízes culturais de nossa imprensa contemporânea</i>	Artigo	461-480
Ano 71	Outubro 77	<i>Presença do quadrinho socialista</i>	Nota	645-651
Ano 71	Novembro 77	<i>Alguns aspectos da comunicação na cultura negra</i>	Artigo	739-747
Ano 71	Dezembro 77	<i>Os pequenos grupos tomam consciência frente aos MCS</i>	Nota	816-819
Ano 72	Janeiro- Fevereiro 78	<i>Novas linguagens experimentais</i>	Dossiê	5-49
Ano 72	Janeiro- Fevereiro 78	<i>Sinopse do Poema/processo</i>	Artigo	50-51
Ano 72	Janeiro- Fevereiro 78	<i>O Grupo de Cataguases</i>	Artigo	51-52

Ano 72	Abril 78	<i>Notas sobre comunicação e cultura</i>	Artigo	173-182
Ano 72	Abril 78	<i>A pedagogia e a discussão sobre a influência dos meios de comunicação</i>	Artigo	183-194
Ano 72	Abril 78	<i>Significação jornalística de “O cangaceiro”</i>	Artigo	195-207
Ano 72	Abril 78	<i>Fait-divers</i>	Nota	216-217
Ano 72	Agosto 78	<i>O antidocumentário, provisoriamente</i>	Artigo	405-418
Ano 72	Agosto 78	<i>O superoito como um instrumento de linguagem</i>	Artigo	431-434
Ano 72	Setembro 78	<i>Ficção científica – Um dia, talvez, outros se lembrarão de nossos sonhos</i>	Nota	540-543
Ano 72	Setembro 78	<i>Ficção científica – Ovnis ou os contatos luminosos</i>	Nota	543-545
Ano 72	Outubro 78	<i>No cinema, o futebol ficou na reserva</i>	Artigo	591-602
Ano 72	Outubro 78	<i>Evolução dos monstros na ficção científica</i>	Nota	628-630
Ano 72	Novembro 78	<i>Estudos semióticos</i>	Dossiê	645-684
Ano 72	Novembro 78	<i>Estudos dos signos no Brasil</i>	Artigo	645-664
Ano 72	Novembro 78	<i>A linguagem dos signos</i>	Artigo	665-670
Ano 72	Novembro 78	<i>Notas para uma história materialista dos quadrinhos</i>	Artigo	671-684
Ano 72	Novembro 78	<i>Comunicação e consciência crítica: o tema do VII Congresso da UCBC</i>	Noticiário	702-704
Ano 72	Dezembro 78	<i>O gênero interpretativo no jornalismo empresarial</i>	Artigo	741-750

Ano 73	Abril 79	<i>O negro e os meios de informação</i>	Artigo	197-202
Ano 73	Setembro 79	<i>A necessidade de arrasar Patópolis</i>	Artigo	537-544
Ano 73	Outubro 79	<i>A importância política do rádio</i>	Artigo	615-620
Ano 74	Janeiro-fevereiro 80	<i>Os grandes filmes dos anos 70</i>	Noticiário	73-74
Ano 74	Abril 80	<i>Quadrinhos brasileiros: apesar de tudo, um avanço</i>	Nota	228-230
Ano 74	Agosto 80	<i>O discurso ideológico da censura teatral: séc. XIX</i>	Artigo	455-470
Ano 74	Setembro 80	<i>Meios de comunicação de massa e educação</i>	Todo volume	
Ano 74	Outubro 80	<i>A imprensa e a posse da terra</i>	Artigo	589-598
Ano 74	Outubro 80	<i>O problema da abolição do tráfico na imprensa do Rio de Janeiro (1845/1850)</i>	Artigo	599-606
Ano 74	Novembro 80	<i>Chaplin: A comédia nas suas significações sociais</i>	Artigo	717-724
Ano 74	Dezembro 80	<i>Primeira página: descoberto o autor do mito do jornalismo objetivo</i>	Artigo	759-766
Ano 75	Janeiro-Fevereiro 81	<i>O nono congresso da UCBC</i>	Noticiário	86-89
Ano 75	Novembro 81	<i>As relações de poder na televisão brasileira</i>	Artigo	682-690
Ano 75	Novembro 81	<i>Um estudo de comunicação: os boletins diocesanos católicos</i>	Artigo	691-696

Ano 76	Junho/julho 82	<i>NOMIC: Seminário da UCLAP aponta novos rumos</i>	Noticiário	389-391
Ano 76	Outubro 82	<i>Alternativa legalizada? Uma leitura precavida do Informe McBride</i>	Artigo	586-598
Ano 76	Outubro 82	<i>Liberdade de informação</i>	Nota	628-631
Ano 77	Janeiro-fevereiro 83	<i>Comunicação, violência e poder</i>	Artigo	16-23
Ano 77	Abril 83	<i>A comunicação popular na NOMIC</i>	Artigo	210-214
Ano 77	Abril 83	<i>Comunicação e pluralismo: alternativas para a década</i>	Artigo	215-221
Ano 77	Abril 83	<i>Igreja e comunicação popular</i>	Artigo	245-257
Ano 77	Junho-julho 83	<i>Nova Ordem da Informação: balanço e perspectivas</i>	Artigo	335-343
Ano 77	Junho-julho 83	<i>A era da palavra na era da imagem</i>	Artigo	376-379
Ano 77	Junho-julho 83	<i>Documento de Campinas – I Encontro de Escolas confessionais de comunicação social no Brasil</i>	Noticiário	392-393
Ano 77	Setembro 83	<i>O cinema e a televisão</i>	Artigo	531-536
Ano 77	Setembro 83	<i>Margarida de Prata: Incentivo ao cinema brasileiro</i>	Noticiário	537-538
Ano 77	Outubro 83	<i>Igreja, publicidade e NOMIC</i>	Artigo	592-596
Ano 77	Novembro 83	<i>Propaganda manipula direitos humanos</i>	Noticiário	711

Ano 77	Dezembro 83	<i>Documento do Recife – A UCBC e a questão da Segurança Nacional</i>	Noticiário	787-791
Ano 78	Janeiro 84	<i>A comunicação e o fortalecimento da organização popular</i>	Artigo	46-54
Ano 78	Abril 84	<i>Carta aos comunicadores</i>	Noticiário	165-171
Ano 78	Abril 84	<i>O “outro” no discurso da publicidade</i>	Artigo	198-203
Ano 78	Abril 84	<i>A dívida social do comunicador</i>	Nota	219-221
Ano 78	Abril 84	<i>O novo cinema na Nicarágua</i>	Nota	228-229
Ano 78	maio	<i>J. Carlos</i>	Todo volume	
Ano 78	Junho-julho 84	<i>Igreja, comunicação e cultura</i>	Artigo	351-356
Ano 78	Junho-julho 84	<i>O ensino do cinema no Brasil</i>	Artigo	363-377
Ano 78	Agosto 84	<i>O cinema e a ficção contemporânea</i>	Artigo	405-411
Ano 78	Agosto 84	<i>Projeto de leitura crítica da comunicação</i>	Artigo	412-424
Ano 78	Agosto 84	<i>Emergência de um novo jornalismo católico latino-americano</i>	Artigo	425-436
Ano 78	Outubro 84	<i>A montagem no cinema e na literatura</i>	Artigo	565-571
Ano 78	Outubro 84	<i>A comunicação, um direito de todos na América Latina</i>	Artigo	613-617

Ano 78	Novembro 84	<i>A televisão no Brasil: desinformação e democracia</i>	Artigo	673-688
Ano 78	Dezembro 84	<i>Informática e justiça social</i>	Noticiário	782-783
Ano 79	Janeiro- fevereiro 85	<i>Avanços na pesquisa em comunicação – Panorama brasileiro</i>	Artigo	39-51
Ano 79	Março 85	<i>Comunicação social, Igreja e Estado</i>	Artigo	115-121
Ano 79	Março 85	<i>Comunicação e democracia</i>	Nota	143-146
Ano 79	Mai 85	<i>A imagem: cinema e literatura</i>	Artigo	287-293
Ano 79	Mai 85	<i>Cinema: ideologia e imaginário</i>	Nota	301
Ano 79	Junho-julho 85	<i>Comunicações sociais para uma promoção cristã da juventude</i>	Noticiário	375-378
Ano 79	Setembro 85	<i>Serviço de comunicação no movimento de direitos humanos</i>	Artigo	485-495
Ano 79	Outubro 85	<i>Aspectos da legislação federal sobre censura: 1964-1985</i>	Artigo	587-598
Ano 79	outubro 85	<i>Pela melhoria da qualidade do ensino de jornalismo</i>	Noticiário	623-624
Ano 79	Novembro 85	<i>Comunicação e democracia no Brasil: O desafio armamentista</i>	Artigo	658-674
Ano 80	Março 86	<i>Democratização da leitura e popularização do livro no Brasil</i>	Artigo	123-135
Ano 80	Março 86	<i>Cultura e comunicação de massa: submissão ou resistência?</i>	Artigo	136-140

Ano 80	Abril 86	<i>Jornalistas escritores a favor da cultura – Carta do Recife</i>	Noticiário	229
Ano 80	Maio 86	<i>A televisão na literatura: Um olhar sobre a obra de Ignácio de Loyola Brandão</i>	Artigo	261-280
Ano 80	Maio 86	<i>Dia mundial das comunicações sociais</i>	Noticiário	300-302
Ano 80	Junho-julho 86	<i>Ideologias do cinema na década de 40</i>	Artigo	345-353
Ano 80	Outubro 86	<i>Igreja e desafios da comunicação contemporânea</i>	Noticiário	627-630
Ano 80	Outubro 86	<i>Documento de Quito: Igreja e desafios da comunicação contemporânea</i>	Noticiário	630-633
Ano 80	Dezembro 86	<i>A televisão como sujeito de ação política</i>	Artigo	741-750
Ano 80	Dezembro 86	<i>Brasil perde pioneiro da pesquisa em comunicação social</i>	Noticiário	790-791

Fonte: produção do próprio autor.

A revolução editorial

Das relações estabelecidas entre José Marques de Melo, que integrava a primeira entidade a reunir pesquisadores brasileiros de Comunicação Social, a UCBC, criada em 1970³⁰ e Clarêncio Neotti, surgiria a *revolução* editorial brasileira no campo da comunicação social: o país começava a editar livros escritos por autores brasileiros, a partir de suas pesquisas.

³⁰ GOMES, Pedro Gilberto. *A comunicação cristã em tempo de repressão: A história da UCBC de 1970 a 1983*. São Leopoldo: UNISINOS, 1995.

Até então, havia algumas editoras que traduziam livros, sobretudo de autores norte-americanos, como algumas antologias com ensaios variados a respeito da comunicação social; textos como os de John Hohenberg (Editora Interamericana) ou Fraser Bond (Editora Agir), e alguns poucos títulos da Editora Bloch, como o livro de Claude Shannon e Warren Weaver (*Teoria matemática da comunicação*, 1970), Charles Wright (*Comunicação de massa*, 1968) e Wilbur Schramm (*Comunicação de massa e desenvolvimento*, 1970), hoje verdadeiras raridades. As edições Melhoramentos publicaram, por exemplo, *O ano 2000*, de Herman Kahn e Anthony J. Wiener (1982); a Tempo Brasileiro trouxe alguns autores europeus e a Paz & Terra divulgou a *Teoria da comunicação* (1978), organizada por Luiz Costa Lima que trazia, ao lado de um texto de Marshall McLuhan, estudo até então praticamente desconhecido de Max Horkheimer sobre a indústria cultural. A Editora Atlas editou uma teoria da comunicação tão mal traduzida que, ao invés de se falar em ruído, mencionava barulho; a Pioneira publicou uma obra inaugural de Gabriel Cohn (*Sociologia da comunicação: teoria e ideologia*, 1973, além de *Comunicação e indústria cultural*, Nacional, 1977). Os melhores textos de sociologia da comunicação eram editados pela Zahar, como *Política e comunicação*, de Richard R. Fagen (1971). Mas também havia coletâneas como a de Frank E. X. Dance (*Teoria da comunicação humana*, Cultrix, 1973). Os manuais mais usados eram o de David Berlo (*O processo da comunicação*, Fundo de Cultura, 1972) e o de Melvin De Fleur (*Teorias da comunicação de massa*, Zahar, 1971), que teve sucessivas edições e continua ainda hoje nos catálogos das editoras brasileiras³¹. Mas não havia projetos editoriais específicos voltados para a Comunicação Social. Foi José Marques de Melo quem propôs, organizou e começou a procurar os autores que a editora Vozes passaria a publicar. A própria editora da Universidade de Brasília editou dois títulos de Harold Lasswell (*A linguagem política*, 1979 e *Poder e sociedade*, este em conjunto com Abraham Kaplan, 1979).

Foram idealizadas e lançadas simultaneamente várias coleções:

³¹ FLEUR, Melvin de; BALL-ROCKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Trata-se basicamente da mesma obra, ampliada, sobretudo após o capítulo 6.

a) Na série Manuais, vamos encontrar os seguintes títulos: *Comunicação social: Teoria e pesquisa*, do próprio José Marques de Melo (1970), e que em 1971 já se encontrava em segunda edição, *O controle da informação no Brasil*, de Antonio F. Costella (1970); *Jornalismo audiovisual*, de Walter Sampaio, em co-edição com a Universidade de São Paulo (1971), *Teoria da informação*, de Marcello Casado d'Azevedo, em co-edição com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1971). Esta coleção chegou a quase vinte títulos, dentre os quais *História da comunicação: Rádio e tv no Brasil*, de Maria Elvira B. Federico (1982) e *Comunicação, modernização e difusão de inovações no Brasil*, organizado por José Marques de Melo (1978), obra fundamental, porque aproximava os estudos norte-americanos da communication research dos estudiosos brasileiros, sobretudo a partir das experiências desenvolvidas pelas práticas do projeto da Aliança para o Progresso, idealizada pelo Presidente John Kennedy, e cujos ideólogos integravam o corpo docente do CIESPAL;

b) Na série Ensaio, foram publicados *Comunicação, opinião, desenvolvimento*, de José Marques de Melo (1971), *Sociedade de massa: Comunicação e literatura*, de Luiz Beltrão (1972) e *Música popular e comunicação*, de C. A. de Medina (1973). Anunciava-se a edição de *Comunicação e sociedade*, do espanhol Juan Beneyto que, de fato, ocorreu (1974). Tratava-se de uma série de volumes em tamanho pouco menor que a série anterior;

c) Enfim, na série Pesquisas, publicou-se *Cultura de massa e cultura popular*, de Ecléa Bosi (1972), livro que tem recebido sucessivas edições, e *História social da imprensa*, de José Marques de Melo (1973), obra que, mais tarde, o autor relançaria sob novo título, *Sociologia da imprensa brasileira* (EDIPUCRS, 2003);

d) outra coleção pioneira foi *Vozes do mundo inteiro*, que editou obras como *Bum – A explosão criativa dos quadrinhos*, de Moacyr Cirne (1970) que, em 1972, já alcançava a terceira edição, seguiram-se, do mesmo autor, *A linguagem dos quadrinhos* (1971) que, no ano seguinte, já estava numa segunda edição, e *Para ler os quadrinhos* (1972). Esta coleção, dirigida por M. Pontes, divulgou, ainda,

obras como *Poesia de vanguarda no Brasil*, de Antonio Sérgio Mendonça (1970), *Cinema de animação – Arte nova/arte livre* (1971), de Carlos Alberto Miranda, e *A comunicação do grotesco*, de Muniz Sodré (1972);

e) No campo da linguística e da comunicação, a Vozes também trouxe aos leitores brasileiros uma série denominada “Novas perspectivas em comunicação”, que se constituía em seleção de ensaios da revista francesa *Communications*, da Éditions Du Seuil. No Brasil, quem coordenava a série eram Antonio Sérgio Mendonça e Luiz Felipe Baeta Neves. Ali foram publicados, pela primeira vez em português, textos de Tzvetan Todorov, Claude Bremond, Jean Dubois, Roland Barthes, Julia Kristeva e outros. Na série, sete volumes foram editados, respectivamente, também a partir de 1971: *Análise estrutural da narrativa*, *Semiologia e linguística*, *Literatura e semiologia*, *Semiologia dos objetos*, *Linguagem e cultura de massas: Televisão e canção*, *Civilização industrial e cultura de massas* e *Cinema: estudos de semiótica*;

f) Outra coleção fundamental foi “Perspectivas linguísticas”, que reuniu textos traduzidos e inéditos trabalhos de autores brasileiros, como *Estrutura da língua portuguesa* e *Problemas de linguística descritiva*, ambos de Joaquim Mattoso Câmara Jr., *Introdução à linguística aplicada*, de Robert Lado, *Novas perspectivas linguísticas*, com textos de Noam Chomski, Roman Jakobson e outros, *A linguagem e sua estrutura*, de Ronald W. Langacker, *Linguagem e pensamento e Linguística cartesiana*, ambos de Noam Chomski, *Introdução à morfologia e à sintaxe*, de Benjamin Elson e Velma Pickett, *O estudo da linguagem*, de John Carrol Estrutura do verbo no português coloquial, de Eunice Pontes, etc.

O sucesso dessas duas coleções havia sido antecipado por uma outra série, “Coleção Nosso tempo” que, a partir de 1968, começou a divulgar obras como *Por que literatura* e *O estruturalismo de Lévi-Strauss*, ambos de Luiz Costa Lima, *Participação da palavra poética*, de Sebastião Uchôa Leite, *Metalinguagem*, de Haroldo de Campos, e *Cinema Novo no Brasil*, de David E. Neves, coleção esta dirigida por Silvio Diniz de Almeida e Rose Marie Muraro. Muraro, de seu lado, tornar-se-ia uma das principais editoras da Vozes e abriria a série de textos que

pioneiramente discutiriam a condição da mulher na sociedade em geral, mas especialmente na brasileira, como o então provocador *Sexualidade da mulher brasileira. Corpo e classe social no Brasil* (1983) que reverberava o então escandaloso O relatório Hite (Difel, 1978) sobre a sexualidade da mulher norte-americana.

Títulos esparsos expandiriam a contribuição importante da *Vozes: Opinião pública: teoria e prática*, de Monique Augras (1970) ou *Comunicação e organizações no processo de desenvolvimento*, de Tereza R. Hallyday (1975).

E depois... até aqui

A partir de 1977, seria criada a INTERCOM que, como já escrevi anteriormente³², desenvolveria atividades de aglutinação dos pesquisadores brasileiros de Comunicação Social, promovendo congressos, passando a fazer publicações periódicas que, do formato de boletim, chegaram à qualidade da atual *Revista da Intercom*, além de dar uma especial atenção ao acompanhamento da bibliografia brasileira sobre Comunicação - que ia se ampliando gradualmente - e, ao mesmo tempo, desenvolver um programa objetivo de editoração, que incluía minimamente os volumes produzidos a partir das mesas redondas temáticas de cada congresso anual ou resultantes de simpósios bilaterais, que realizava com pesquisadores da França, estados Unidos, Inglaterra, Espanha, Argentina, México, e assim por diante³³. Em algum momento, nos anos 1980, a INTERCOM certamente se tornou uma das principais editoras brasileiras de textos sobre Comunicação Social, estando em seus projetos, inclusive, a constituição de um repositório latino-americano de memória dos estudos sobre comunicação social no continente³⁴, projeto que depois

32 HOHLFELDT, Antonio - É possível a pesquisa empírica num país preconceituoso e de tradição escravista?. In: BARBOSA, M.; MORAES, O (org..). **Quem tem medo da pesquisa empírica?** São Paulo: INTERCOM, 2011. p. 91-104.

33 O primeiro volume editado foi *Ideologia e poder no ensino da comunicação*, organizado por José Marques de Melo, Anamaria Fadul e Carlos Eduardo Lins da Silva (1979).

34 Projeto referendado a partir da criação da ALAIC, em 1978, com amplo apoio da INTERCOM.

abandonou, sobretudo quando, a partir da emergência das tecnologias digitais e das redes sociais, verificou-se que a constituição de tais bancos de dados era uma tarefa de duplicação do que já existia, por exemplo, nos bancos de dados de instituições oficiais, como a Plataforma Lattes e seu banco de teses.

Ao longo do tempo, porém, outras editoras, como a Summus, criariam suas próprias coleções. Hoje em dia, o Brasil possui uma excelente bibliografia sobre a Comunicação Social, sempre em expansão, e sobretudo não dependendo mais apenas de uma divulgação através de volumes físicos, impressos em papel mas, sobretudo, através de sites e entidades variadas, que guardam os papers apresentados em seus congressos, como a Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação (COMPÓS), a Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPjor) ou a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede Alcar), dentre outras, e assim criam um lastro eficiente de estudos que vão constituindo a memória das reflexões a respeito do campo, desenvolvidas ao longo de décadas.